

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

FELIPE RICARDO PEREIRA VASCONCELOS DE ARRUDA

CORRELAÇÃO ENTRE USO DE *FACEBOOK* E OS NÍVEIS DE SOLIDÃO

CAMPINA GRANDE

2014

FELIPE RICARDO PEREIRA VASCONCELOS DE ARRUDA

CORRELAÇÃO ENTRE USO DE *FACEBOOK* E OS NÍVEIS DE SOLIDÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do título de Psicólogo e Licenciado em Psicologia.

Orientador: José Roniere Morais Batista

CAMPINA GRANDE

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A779c Arruda, Felipe Ricardo Pereira Vasconcelos de.

Correlação entre uso de Facebook e os níveis de solidão  
[manuscrito] / Felipe Ricardo Pereira Vasconcelos de Arruda. -  
2014.

27 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e  
da Saúde, 2014.

"Orientação: Prof. Me; José Roniere Morais Batista,  
Departamento de Psicologia".

1. Facebook. 2. Solidão. 3. Internet. 4. Redes sociais. I.

Título.

21. ed. CDD 155.92

FELIPE RICARDO PEREIRA VASCONCELOS DE ARRUDA

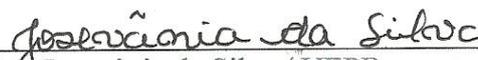
CORRELAÇÃO ENTRE USO DE *FACEBOOK* E OS NÍVEIS DE SOLIDÃO

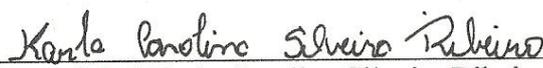
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do título de Psicólogo e Licenciado em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. José Roniere Morais Batista

Aprovado em: 26 / 11 / 14

  
Prof. Me. José Roniere Morais Batista / UEPB  
Orientador

  
Profª Drª Josevânia da Silva / UEPB  
Examinadora

  
Profª Drª Karla Carolina Silveira Ribeiro / UEPB  
Examinadora

## RESUMO

O presente estudo teve como objetivo mensurar a correlação entre o uso de *Facebook* e o sentimento de solidão através de pesquisa quantitativa realizada com estudantes universitários. Foi utilizado como instrumento um questionário que continha informações sobre a prática de uso do *Facebook* bem como a Escala Solidão UCLA (adaptada e validada no Brasil). Os dados foram analisados através do software SPSS v.20 (Statistical Package for Social Sciences) da IBM e a interpretação dos resultados foi dada com base no referencial teórico apresentado. No geral, a população composta por 113 participantes, de ambos os sexos, apresentou baixos níveis de solidão. Os resultados apontam que os participantes do sexo masculino que utilizam o *Facebook* com maior frequência apresentam maiores níveis de solidão. Entretanto, esse efeito é moderado pelo número de amigos no Facebook que os homens possuem, de forma que quanto maior o número de amigos, a frequência de uso no *Facebook* passa a reduzir os níveis de solidão. Para o grupo das mulheres a única relação entre o uso do Facebook e grau de solidão foi encontrado para as atividades de comunicação. Quanto maior a frequência de uso do *Facebook* para se comunicar, menores foram os níveis de solidão observados.

Palavras-Chave: *Facebook*. Solidão. Internet.

---

<sup>1</sup> Prof. Me. José Roniere Morais Batista, Orientador / UEPB

<sup>2</sup> Felipe Ricardo P. V. de Arruda, Orientando / UEPB

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
REFERENCIAL TEÓRICO.....	7
INTERNET E SOLIDÃO.....	7
ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS.....	10
PARTICIPANTES .....	11
INSTRUMENTOS .....	12
PROCEDIMENTOS DE COLETA.....	12
PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS .....	13
RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	13
RESULTADO PARA O GRUPO DAS MULHERES.....	16
RESULTADOS PARA O GRUPO DOS HOMENS .....	17
CONCLUSÃO.....	21
ABSTRACT .....	23
REFERÊNCIAS .....	24

## INTRODUÇÃO

A adoção e popularização da Internet desde o início da década de 1990 modificou a forma como nos comunicamos na contemporaneidade, dentro dela as redes sociais virtuais, que são um modo de comunicação mediada, facilitam a interação e sociabilidade à distância. No entanto, a ausência do contato presencial, físico, pode trazer implicações no processo de comunicação e pode acarretar modificações no comportamento e no bem-estar psicológico de seus usuários. Sendo assim, o presente estudo, baseado em pressupostos teóricos que envolvem a comunicação no ciberespaço e estudos sobre sociabilidade e solidão, busca compreender como estes fatores influenciam a relação entre a utilização da rede social virtual mais difundida, o *Facebook*, e os níveis de solidão em estudantes universitários nos dias de hoje. O estudo contribui para a formação de uma base teórica mais sólida para a compreensão de fenômenos que estão presentes no dia-a-dia e que são importantes de serem analisados uma vez que podem levar a prejuízos, se utilizados de forma incorreta, ou seu oposto, benefícios, quando utilizados corretamente.

O *Facebook* é um site de serviço de rede social virtual (*Social Network Sites* – SNS, em inglês. Nomenclatura mais utilizada na literatura), lançado em 4 de fevereiro de 2004 e conta hoje com cerca de 1,32 bilhões de usuários ativos (FN, 2014). Os usuários devem se registrar antes de utilizar o site, após isso, podem criar um perfil pessoal e adicionar outros usuários como amigos. Nesse perfil podem ser expostas características tais como local de trabalho e estudo, idade, data de aniversário, se está ou não em um relacionamento amoroso com alguém, dentre outras informações. Entre os maiores usos dessa rede social virtual estão a troca de mensagens instantâneas, a participação de grupos de interesse comum com outros utilizadores e a atualização do *feed* de notícias, uma espécie de mural onde o usuário publica frases, notícias de interesse próprio, vídeos e quaisquer outras informações que julga interessante compartilhar com seus amigos.

Fundado por Mark Zuckerberg e por seus colegas de quarto da faculdade Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, o *Facebook* foi inicialmente limitado aos estudantes da Universidade de Harvard. O site cresceu e adicionou suporte para alunos em várias outras universidades, e para estudantes do ensino fundamental e médio. Segundo Campbell (2010, p.1) o nome do serviço decorre do nome de um livro com fotos e nomes dos alunos, dado no início do ano letivo, para ajudar a conhecerem uns aos outros.

A psicóloga norte-americana Sherry Turkle (2012) que trabalha sobre o modo como a comunicação pela internet transforma os nossos comportamentos, destaca que “No silêncio da conexão, as pessoas se sentem tranquilizadas, estando em contato com um grande número de

pessoas – cuidadosamente mantidas à distância. Nunca temos o suficiente do outro, já que podemos usar a tecnologia para manter o outro à distância: não perto demais, nem longe demais, justamente da forma que nos convém.” (TURKLE, 2012, p. 1)

Portanto, as técnicas da informação poderiam satisfazer o nosso desejo de controle, mas podem desembocar em relações distantes e inconsistentes, que nos tornariam, no fim, mais sozinhos e que marcaria o advento de uma sociedade conectada e solitária.

Sullivan(1953), citado por Neto (2000) definiu a solidão como uma “experiência excessivamente desagradável e motriz ligada a uma descarga desadequada da necessidade de intimidade humana, de intimidade interpessoal”.

Weiss (1973), citado por Barbosa(2012, p.16) afirmou que a solidão pode ser sentida mesmo quando não se está só: “é causada não por se estar só, mas por se estar sem alguma relação precisa de que se sente a necessidade ou conjunto de relações.”.

Perlman e Peplau (1981) focaram em como a solidão afeta a população em geral e não com o seu formato patológico e deram o seguinte conceito:

“[...]em nossa visão a solidão é uma experiência desagradável que ocorre quando a rede de relações sociais de um indivíduo está deficiente em algum aspecto importante, seja qualitativa ou quantitativamente; mesmo que a solidão possa alcançar níveis patológicos, estamos mais preocupados com a extensão "normal" de solidão do público geral. Nessa definição existem três pontos importantes [...] o primeiro é que solidão é o resultado de deficiências nas relações pessoais de um indivíduo; o segundo é que a solidão é um fenômeno subjetivo [...]; por fim, solidão é desagradável e angustiante.” (PERLMAN & PEPLAU, 1981, pgs. 31 e 32)

Young (1982, p. 380) sugeriu que a solidão estava relacionada com “a ausência ou ausência percebida de relações sociais satisfatórias, acompanhadas de sintomas de mal-estar psicológico que estão relacionados com a ausência atual ou percebida”.

Essas definições apontam que a solidão resulta de deficiências nas relações sociais da pessoa que se sente só. É vista como um fenômeno psicológico subjetivo e, por isso, não é sinônimo de isolamento, sendo assim, toda pessoa teria um contato social mínimo. Por isso, a solidão é vista mais como representativa da insatisfação com o número ou a qualidade das relações interpessoais que mantém do que com a ausência de contato social. Logo, a solidão é percebida hoje como um mal a ser evitado. Estar sozinho e estar isolado, separado de outrem por uma distância intangível, não são considerados sinônimos, portanto as relações dentro das redes sociais virtuais não representam uma garantia de que o usuário não se sinta sozinho, até mesmo com uma numerosa lista de amigos, a qualidade dessas relações também se apresenta como fator importante para evitar a solidão.

Kross et al. (2013, pgs. 2 e 3) chegaram a conclusão que o uso do *Facebook* prediz o declínio de dois componentes da subjetividade: como as pessoas se sentem de momento a momento e quão satisfeitas estão com suas vidas. Determinaram que os indivíduos utilizam o *Facebook* independente de seu estado emocional, no entanto quanto maior o uso da SNS ao longo do tempo menor é o nível de bem estar e satisfação pessoal.

O objetivo desse estudo é determinar a correlação entre o uso do *Facebook* e o nível de solidão em estudantes universitários. Acreditamos que o uso excessivo do *Facebook* pode ser um indicador de uma falta de relações interpessoais significativas fora do ambiente online. Assim, o uso prolongado do *Facebook* poderia ser uma forma de mitigar a sensação de solidão, portanto, hipótese H1: Quanto maior o tempo de uso diário de *Facebook* maior o nível de solidão encontrado no indivíduo. Além disso, a quantidade de amigos adicionados no perfil do *Facebook* pode ser um indicativo de um desejo, uma necessidade por relacionamentos, logo, H2: Quanto maior o número de amigos no *Facebook* maior o nível de solidão dos participantes. Além da quantidade de amigos e do tempo dedicado ao uso das SNS, a intenção de uso pode ser um fator importante para delimitar a sensação de solidão, de forma que usar as redes sociais para atividades de comunicação possam resultar em efeitos mais positivos na solidão do que apenas buscar novos amigos (sem interação) ou postar conteúdos na rede. Assim temos que H3: O grupo de participantes que utiliza o *Facebook* com maior frequência para atividades de comunicação apresentarão menores níveis de solidão.

Dentro de um relativo curto espaço de tempo (10 anos de existência), o *Facebook* pode ter revolucionado o modo como as pessoas interagem. Tais mudanças podem gerar profundas alterações no futuro das relações interpessoais, o que só torna mais saliente a necessidade de se conhecer e estudar esses processos como forma de guiar futuras pesquisas e expandir as possibilidades de se utilizar a internet de forma benéfica.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **INTERNET E SOLIDÃO**

A popularização e facilidade de obtenção de novas tecnologias a partir da década de 1990 levantaram uma comoção no meio acadêmico com relação ao uso de computadores e *smartphones*, entre outros, e especialmente pelo uso da *internet*. Novos comportamentos humanos parecem surgir, histórias de vida, intrigas pessoais e segredos passaram a ser postados para um número cada vez maior de pessoas. Outros comportamentos foram modificados,

passamos a comprar produtos pela rede e a nos relacionar socialmente pelo mundo virtual através de imagens e de textos. Em influente estudo na área, mostra-se como a comunicação através da *internet* pode atuar na manutenção de nossos relacionamentos interpessoais:

“A internet geralmente denota inatividade física e limita a interação social cara-a-cara.[...] Nossos estudos mostraram que a comunicação interpessoal é atividade primordial na internet no uso doméstico [...]. No entanto, o fato de as pessoas utilizarem a internet principalmente para comunicação interpessoal não quer dizer que suas interações sociais e relacionamentos na internet são iguais às suas interações sociais e relacionamentos tradicionais nem que os seus usos sociais da internet terão efeitos comparáveis a atividades sociais tradicionais.” (KRAUT et al., 1998, p.1018)

Diz ainda que “[...]a internet pode ter efeitos positivos ou negativos, dependendo de como esta modifica o balanço de vínculos sociais fortes e fracos que as pessoas mantêm.” (KRAUT et al., 1998, p.1019).

Existem hoje conectados à internet mais de 2 bilhões e 800 milhões de pessoas (IWS, 2014), em contraste com 14 anos atrás onde haviam cerca 361 milhões (um crescimento de 676%). A crescente adoção a essa tecnologia tem modificado os meios de viver, de se comunicar e os meios de busca de informações, “a internet tem o poder de mudar a vida das pessoas assim como o telefone no começo do século 20 e a televisão entre os anos de 1950 e 1960” (KRAUT et al., 1998, p. 1017).

A expansão da comunicação via internet tem dado espaço ao crescimento das SNS's, que podem ter caráter generalista ou específico (focados em populações ou atividades específicas), mas é de característica geral que “possibilitem a apresentação do usuário através de um perfil criado por ele mesmo e que exista a possibilidade de criar e/ou manter-se conectado com outros usuários.” (ANDERSON et al., 2012, p. 23). Dentre as diversas SNS, o *Facebook* é hoje a que tem maior relevância, contando com 1,32 bilhões de pessoas que se conectam mensalmente e tem um uso diário de usuários ativos de cerca de 829 milhões (FN, 2014).

Rubin (1985), Walther e Tidwell (1996) e Castells (2000) citados por Guedes e Assunção (2006, p. 413) compreendem que existe um paradoxo referente à distância social. Por um lado, o acesso a diversas tecnologias favorece uma maior proximidade entre os indivíduos, já que essas mesmas tecnologias facilitam as atividades cotidianas, aumentando o tempo livre e possibilitando a melhora da qualidade e quantidade de relações sociais, aproximando-os. No entanto, essas facilidades parecem acabar por tornar as pessoas mais independentes umas das outras, afastando-as.

Shawn e Gant (2002) conduziram um estudo onde verificaram que o uso de internet para comunicação diminuía os níveis de solidão e depressão significativamente, enquanto

aumentava os índices de auto-estima e suporte social. No entanto, Valkenburg et al. (2006) verificaram a existência de consequências negativas no uso de redes sociais virtuais por adolescentes. A auto-estima desses foi afetada principalmente pelo *feedback* (ou retroalimentação) que os adolescentes recebiam em seus perfis. Aqueles que recebiam mensagens negativas mostraram uma queda significativa em seus níveis de auto-estima, e estes eram mais propensos a modificarem sua apresentação pessoal nesses meios virtuais, a criarem novas formas (não necessariamente reais) de serem socialmente aceitos.

Hardie e Tee (2007) citados por Wilson et al. (2010, p.174) afirmaram que altos níveis de solidão emocional, ansiedade social, neuroticismo e baixos níveis de extroversão contribuem para vício em internet, cujos efeitos para saúde são parecidos com os do vício de substâncias químicas (abstinência, desejo e tolerância). No entanto não foi encontrado uma relação direta de causa e efeito entre uso de internet e os problemas citados.

Ryan e Xenos (2011, p.1659) afirmam ainda que os usuários do *Facebook* são mais propensos a serem extrovertidos e narcisistas, mas que também apresentam maiores níveis de solidão familiar. Por outro lado, não usuários de *Facebook* são mais conscientes, tímidos, e socialmente solitários. Outros autores também dão ênfase aos aspectos citados:

“No que se refere a questão de timidez, os resultados do estudo de Orr et al. (2009) demonstraram que pessoas tímidas gastam muito mais tempo utilizando o *Facebook* do que pessoas não tímidas. Sheldon (2008) afirma que pessoas com ansiedade social gostam de utilizar o *Facebook* para combater a solidão.” RYAN e XENOS (2011, p.1659)

Nas investigações de Kross et al. (2013) descobriram que o uso *Facebook* prediz o declínio de afeto e satisfação pela vida ao longo do tempo, e que seu uso é um recurso importante para a promoção das condições básicas de interação social de seres humanos, no entanto essa interação social pela internet acaba por diminuir o bem-estar. Uma explicação alternativa para essa relação seria a de que as pessoas utilizam o *Facebook* quando estão entediadas, solitárias ou preocupada, e que tais sentimentos levam ao declínio do bem-estar, e não o uso da *Facebook* por si.

Na maioria desses estudos vemos relações entre a utilização de *Facebook* e os níveis de solidão de seus usuários, porém, em todos eles, existem ressalvas por parte de seus autores quanto a dificuldade em determiná-lo como uma causa direta da solidão uma vez que esta se apresenta com um fator de alta complexidade e que envolve grande amplitude de sentimentos e emoções.

Para Sá, Mattar e Rodrigues(2006) a solidão é “percebida como um mal que deve e pode ser evitado a qualquer custo, e apontam a definição de relação com a tecnologia, que seria a de um meio para um fim e uma atividade do homem, uma determinação instrumental e antropológica” ou seja, “a relação que temos com a tecnologia é o que determina sua face boa ou ruim, e não a sua simples existência”.

Para Neto (2000, p.135), a solidão “é uma experiência dolorosa que se tem quando as nossas relações sociais não são adequadas”. Sullivan (1953) citado por Neto (2000 p.136) define solidão como uma “experiência excessivamente desagradável e motriz ligada a uma descarga desadequada da necessidade de intimidade humana, de intimidade interpessoal”. Já Weiss (1973) citado por Neto (2000 p.136) afirmou que a solidão pode ser sentida mesmo quando se está só: “é causada não por se estar só, mas por se estar sem alguma relação precisa de que se sente a necessidade ou conjunto de relações.”

Considerada como epidêmica entre jovens em alguns países europeus, segundo Gil (2014) estudos na Universidade de Chicago descobriram que a solidão pode ser duas vezes pior que obesidade para os mais velhos e tem quase o mesmo índice de mortalidade que a pobreza. Além disso, as alternativas encontradas por esses dois grupos estão em redes sociais virtuais, que “são ao mesmo tempo uma ajuda e um novo problema”. São benéficas ao permitir comunicação a grandes distâncias, mas não substituem interações face-a-face: “As pessoas apresentam uma versão idealizada no mundo online, e assim esperamos ter nossa vida social como é mostrado na grande mídia” (GIL, 2014). Diz ainda que ao comparar nossas vidas com a aparente vida perfeita de nossos amigos pode levar a uma forma de reclusão social.

Marques e Barbosa (2003) citados por Barbosa (2012, p.17) afirmam que a “discrepância subjetiva entre os níveis de contato sociais desejados e realizados é a solidão, podendo esta atingir dimensões psicopatológicas”.

E embora não se constituam conceitos ou definições homogêneas para a solidão, pode-se formular, a partir de elementos nela inseridos, outra definição: um reação emocional de insatisfação, decorrente da falta ou deficiência de relacionamentos significativos. Podemos verificar também que o uso de redes sociais virtuais são ora vistos como sintomas, ora vistos como causa desses aspectos negativos. Os questionamentos levantados nesse estudo levarão a uma melhor compreensão do perfil dos usuários do *Facebook* e da sua relação com o sentimento de solidão.

## **ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS**

## PARTICIPANTES

Participaram do estudo 113 estudantes universitários, os participantes foram selecionados por conveniência e de acordo sua disponibilidade em participar da pesquisa. O único critério de inclusão foi que os alunos estivessem devidamente matriculados na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB.

A idade dos participantes dessa pesquisa variou de 18 a 50 anos e obtivemos média de 20,79 (DP= 4,09) anos de idade. A Tabela 1 apresenta os dados socioeconômicos dos participantes em termos de frequência e percentagem. A renda familiar da amostra apresentou resultados com média de R\$3411,00 (DP=3198,15). A maioria dos respondentes é do sexo feminino (54%) e estado civil solteiro (53,1%). Do total da amostra, 107 pessoas (94,7%) possuem o ensino superior incompleto e 6 (5,3%) possuem o ensino superior completo (e estão em um novo curso de graduação). Quanto à religião, as maiores frequências encontradas foram a religião católica (52,2%), seguida da religião evangélica (19,5%) e espírita (18,6%). Por fim, todos os indivíduos da amostra fazem uso do *Facebook*.

**Tabela 1 – Dados socioeconômicos das participantes (n=113)**

<i>Variáveis</i>	<i>Níveis</i>	<i>F</i>	<i>%</i>
<b>Sexo</b>	Feminino	61	54%
	Masculino	52	46%
<b>Estado civil</b>	Ficando	4	3,5%
	Namorando	33	29,2%
	Solteiro	60	53,1%
	Casado	11	9,7%
	Outro	5	4,4%
<b>Escolaridade</b>	Superior Incompleto	107	94,7%
	Superior Completo	6	5,3%
<b>Religião</b>	Sem religião	21	18,6%
	Católica	59	52,2%
	Evangélica	22	19,5%
	Espírita	4	3,5%
	Outro	5	4,4%
	Em branco	2	1,8%

Fonte: Dados da pesquisa – Autoria própria

## **INSTRUMENTOS**

Foi utilizado um questionário dividido em três partes:

1. Dados sociodemográficos: contendo questões relativas a sexo, estado civil, idade, escolaridade, religião, renda mensal da família e cidade e estado onde moram.
2. Perfil de utilização do Facebook: contém questões relativas ao uso do Facebook, tais como: quantidade de amigos, aparato tecnológico que utiliza para conectar, por quanto tempo utiliza diariamente e atividades mais realizadas. Para além dessas questões também foi incluída uma escala que mensurava a frequência com que os participantes se comunicavam no Facebook, essa escala foi do tipo Likert de 5 pontos variando entre 1 (Quase nunca), 2 (Muito pouco), 3 (Mais ou menos), 4 (Bastante) e 5 (Quase sempre).
3. Escala de Solidão: Composta pela Escala de Solidão da UCLA (Russel, Peplau & Ferguson, 1978; Russel, Peplau & Cutrona, 1980, tradução portuguesa de Neto, F., 1989); que contém um conjunto de 18 itens que refletem sentimentos subjetivos de solidão ou isolamento social tais como: “Sinto falta de camaradagem”, “Sinto-me isolado/a dos outros”, “As pessoas estão à minha volta, mas não estão comigo”. Os itens são mensurados em escala Likert de 4 pontos, que varia entre 1 (Nunca), 2 (Raramente), 3 (Algumas vezes) e 4 (Muitas vezes). A escala é unifatorial e seu escore resulta da soma simples dos valores obtidos para a frequência em cada item, de forma que quanto maior o valor obtido desse processo maior é o nível de solidão. A tradução e validação para a versão portuguesa foi realizada por Pinheiro e Tamayo (1984).

## **PROCEDIMENTOS DE COLETA**

Conforme as exigências solicitadas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS(2012), este estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba. Após a aprovação, a coleta de dados foi executada ao longo de dois meses ininterruptos. No dia da aplicação dos instrumentos de avaliação, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE foi assinado em duas vias, uma dessas entregue para os inquiridos que se dispuseram a participar, resguardando sua identidade.

Após contrato informal com o professor da aula em andamento, contrato este que permitia ao pesquisador utilizar cerca de 20 minutos ininterruptos para a coleta de dados para o presente

estudo, os instrumentos de avaliação eram entregues para cada participante. Após a explicação da natureza da pesquisa algumas orientações eram passadas para aquelas que se dispuseram a respondê-la, com os seguintes objetivos: 1) garantir que nenhum item fosse esquecido ou rasurado pelos participantes, o que dificultaria as análises posteriormente; 2) que todos ficassem atentos às questões que exigiam respostas a apenas 1 item, o que poderia anular as questões. A aplicação dos instrumentos foi executada com vários indivíduos ao mesmo tempo, porém os questionários foram respondidos individualmente nas próprias salas de aula da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB.

## **PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS**

Os dados foram analisados a partir da estatística descritiva, para caracterização socioeconômica, do perfil de utilização do facebook e, por fim, análise da incidência e prevalência de solidão (frequência, média, porcentagem e desvio padrão). Para as análises correlacionais, utilizou-se a estatística paramétrica *r* de *Pearson*, o teste *t de Student* para grupos independentes, regressão linear múltipla, assim como análise de variância. Para isso usou-se o Pacote Estatístico Para as Ciências Sociais – SPSS, versão 20.0 - IBM.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para a análise dos resultados, inicialmente é apresentado o perfil de utilização do *Facebook* pelos participantes assim como a distribuição de acordo com a pontuação média no escore da Escala de Solidão da UCLA. Essa distribuição permitiu verificar como a amostra se caracteriza de forma geral, em termos de uso de *Facebook* e dos níveis de solidão.

A tabela 2 mostra a distribuição dos participantes de acordo com o perfil de utilização do *Facebook*. Do total da amostra, os participantes possuem em média 702,31 (DP=468,75) amigos no *Facebook*. Com relação à tecnologia utilizada para acessar a SNS, 38,9% da amostra utiliza *Smartphones*, 38,9% utiliza Notebooks e 17,7% de computadores de mesa. Quanto ao tempo utilizado por dia no *Facebook* obteve-se média de 2,47 (DP= 2,09) horas. Quanto a frequência de comunicação por dia obteve-se média de 3,18 (DP= 1,16).

**Tabela 2 - Distribuição da amostra de acordo com o perfil de utilização do *Facebook* (n=113)**

<b>Item</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio Padrão</b>
<b>Número de amigos</b>	702,31	468,75
<b>Uso por dia (em horas)</b>	2,47	2,09
<b>Frequência de comunicação por dia</b>	3,18	1,16

Fonte: Dados da pesquisa– Autoria própria

A tabela 3 mostra a distribuição dos participantes de acordo com as médias no escore total da Escala de Solidão da UCLA. Nessa escala o escore médio dos participantes foi de 36,85 (DP=6,94), o que indica que a amostra apresenta, de forma geral, baixos níveis de solidão, com níveis de solidão abaixo do ponto médio da escala (45 pontos).

**Tabela 3 - Distribuição da amostra de acordo com a pontuação na Escala de Solidão da UCLA (n=113)**

	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>	<b>Média da amostra</b>	<b>Desvio Padrão</b>
UCLA Loneliness	18	72	36,85	6,94

Fonte: Dados da pesquisa– Autoria própria

Uma vez determinada a caracterização da amostra, foram analisadas as possíveis diferenças para os escores de solidão entre o grupo dos homens e o grupo das mulheres. Em seguida foram analisadas as diferenças entre a média do escore de solidão entre as pessoas que possuíam um relacionamento (casados, recasado, namorando e ficando) e as que não possuíam nenhum relacionamento (solteiros). Estas análises foram realizadas através do teste *t de student* para grupos independentes. Por fim, foram verificadas, através de análise de variância, as possíveis diferenças para as médias do escore de solidão em função do aparelho mais utilizado para se conectar às redes sociais (computador, notebook ou smartphone).

No que diz respeito às diferenças de médias de solidão entre o grupo dos homens (M = 37,43; DP = 7,49) e das mulheres (M = 36,36; DP = 6,46) não foram verificadas diferenças significativas, de forma que ambos possuem nível de solidão similar e abaixo do ponto médio da escala de solidão. De igual forma, entre os participantes que possuem relacionamentos (M =

36,49; DP = 6,38) e os que estão solteiros (M = 37,71; DP = 7,18), o resultado do teste *t de student* não apresentou nenhuma diferença significativa entre as médias observadas.

No que se refere a diferença entre médias dos tipos de aparelho utilizados para acessar as redes sociais, foi realizado uma análise de variância unifatorial que mostrou uma diferença estatisticamente significativa entre as condições,  $F(2,104) = 5,290$  e  $p < 0,05$ . Um teste *Post Hoc (Bonferroni)* confirmou as diferenças significativas entre duas das condições, *smartphone* e *notebook*. A tabela seguinte apresenta as médias de cada condição.

**Tabela 4 – Distribuição dos tipos de aparelho em função das médias de solidão (n=113)**

	Média (Desvio Padrão)	Estatística
Computador de mesa	37,75 (6,61)	F(2,104) = 5,290 p < 0,05
Notebook	<b>38,88</b> (8,07)	
Smartphone	<b>34,23</b> (5,52)	

Fonte: Dados da pesquisa– Autoria própria

Podemos verificar pelo valor das médias que os usuários que utilizam o *smartphone* para acessar as redes sociais apresentam menores escores de solidão quando comparados com os usuários do *notebook*. RAINIE(2011) diz que 87% dos usuários de *smartphones* preferem acessar a internet através de seus dispositivos móveis, quer seja por preferência pessoal ou por falta de uma conexão de alta velocidade em outros dispositivos como um computador pessoal ou *notebook*. Já um estudo publicado por NIELSEN(2012) mostra que adultos do Estados Unidos gastam 34 horas por mês utilizando internet móvel enquanto gastam 27 horas por mês na internet em seus computadores pessoais. Os *smartphones*, por serem mais portáteis, e por terem uma maior praticidade na utilização, podem ser utilizados com maior frequência durante o dia, o que pode diminuir o tempo em que as pessoas deixam de se comunicar com outrem. Assim a manutenção constante das relações sociais através dos aparelhos portáteis pode refletir uma diminuição dos níveis de solidão.

Uma vez realizadas as primeiras análises, nos questionamos se o perfil de utilização do *Facebook* atuaria de forma distinta nos níveis de solidão entre as subamostras de homens e

mulheres. Li e Kirkup (2007, pg. 302) afirmam que “as diferenças de gênero no uso de internet tem sido bem documentada nas últimas décadas e afirmam que sempre foram achadas discrepâncias significativas aonde quer que os autores tenham procurado, principalmente acerca da frequência e forma de utilização.”. Apresentou-se então a necessidade, dentro do escopo desse estudo, de investigar tais diferenças.

## RESULTADO PARA O GRUPO DAS MULHERES

Foi realizada uma regressão linear múltipla com as práticas de uso do *Facebook* de forma a se avaliar suas relações com o escore de solidão. Os resultados indicam que o modelo foi significativo,  $R=0,454$ ,  $R^2 = 0,206$ ,  $R^2$  ajustado =  $0,157$ ,  $F(3,48)=4,158$ ,  $p<0,05$ , o que pode ser observada na Tabela 5.

**Tabela 5 – Regressão Múltipla para as práticas de uso do *Facebook* em função dos níveis de solidão (n = 61).**

<b>Percepção social da atribuição de adjetivos</b>			
<i>Preditores</i>	<i>Beta</i>	<i>t</i>	<i>p</i> <
Horas conectado	-0,008	-0,056	0,955
Número de amigos	-0,128	-0,983	0,330
Frequência comunicação	<b>-0,417</b>	<b>-2,856</b>	<b>0,006</b>
<b>Coefficiente de regressão múltipla</b>	r = 0,454; r <sup>2</sup> = 21%		
<b>Variância explicada</b>	r <sup>2</sup> ajustado = 16%		
<b>Teste estatístico</b>	F(3,48)=4,158; p<0,05		

Fonte: Dados da pesquisa– Autoria própria

A análise indica que a frequência com que as participantes conversam pelo *Facebook* é o único preditor para os níveis de solidão ( $\beta = -0,417$ ;  $t = -2,856$ ;  $p<0,05$ ), assim, independentemente do tempo que passem por dia conectadas ou da quantidade de amigos que possuam, a frequência com que se comunicam nas redes sociais é o único indicador que prevê os níveis de solidão. Podemos observar na tabela que o coeficiente de correlação padronizado para a variável é negativo, de forma que quanto maior a frequência com que as participantes conversam no *Facebook*, menores são os níveis de solidão observados.

Li e Kirkup (2007) conduziram um estudo que investigou as diferenças culturais e de gênero no uso de internet, encontraram diferenças essenciais na frequência e diversidade de uso da internet entre homens e mulheres, tanto em estudantes britânicos quanto em estudantes

chineses. Concluíram que os homens utilizam mais a internet como um 'brinquedo' e as mulheres mais como uma 'ferramenta'. Pelos resultados encontrados no presente estudo a quantidade de horas ou quantidade de amigos não influenciam os níveis de solidão, mas a é possível que a utilização do Facebook primordialmente como 'ferramenta' de comunicação esteja atuando na diminuição dos níveis solidão.

Bujala (2012) afirma que existem menos mulheres do que homens utilizando a internet, e aquelas que usam internet, usam por períodos mais curtos e passam menos tempo conectadas, mas que a situação é dinâmica e tem se modificado ao longo dos anos, principalmente em países mais desenvolvidos tecnologicamente onde a disparidade entre os gêneros tem diminuído. Diz ainda que, ao utilizar redes sociais, as mulheres se concentram na manutenção das ligações sociais já existentes e utilizam as SNS's com maior frequência para comunicação, o que condiz com os resultados aqui apresentados. Os homens, por sua vez, estariam mais interessados em formar novas relações.

## RESULTADOS PARA O GRUPO DOS HOMENS

Assim como ocorreu para o grupo das mulheres, para a subamostra composta apenas pelos participantes do sexo masculino foi realizada uma regressão linear múltipla com as práticas de uso do *Facebook* em função do escore de solidão. Os resultado apresentaram um modelo significativo,  $R=0,527$ ,  $R^2 = 0,278$ ,  $R^2$  ajustado = 0,223,  $F(3,40)=5,123$ ,  $p<0,05$ , contendo duas variáveis preditoras (Tabela 6).

**Tabela 6 – Regressão Múltipla para as práticas de uso do *Facebook* em função dos níveis de solidão (n = 52)**

<b>Percepção social da atribuição de adjetivos</b>			
<i>Preditores</i>	<i>Beta</i>	<i>t</i>	<i>p</i> <
Horas conectado	<b>0,526</b>	<b>3,338</b>	<b>0,002</b>
Número de amigos	<b>-0,535</b>	<b>-3,409</b>	<b>0,001</b>
Frequência comunicação	-0,150	-1,109	0,274
<b>Coefficiente de regressão múltipla</b>	$r = 0,527$ ; $r^2 = 28\%$		
<b>Variância explicada</b>	$r^2$ ajustado = 22%		
<b>Teste estatístico</b>	$F(3,48)=4,158$ ; $p<0,05$		

Fonte: Dados da pesquisa– Autoria própria

A variável número de amigos se apresenta como melhor preditor para os níveis de solidão ( $\beta = -0,535$ ;  $t = -3,409$ ;  $p < 0,05$ ). Quanto maior o número de amigos que os participantes mantêm no *Facebook*, menores são os escores de solidão. A variável horas conectado no *Facebook* também apresentou efeito significativo na variável dependente ( $\beta = 0,526$ ;  $t = 3,338$ ;  $p < 0,05$ ), mas ao contrário do que foi observado no número de amigos, quanto maior o tempo que os participantes passam conectados no *Facebook* por dia, maiores são as suas pontuações de solidão.

ELLISON et al. (2007) apontam que os indivíduos que conseguem fazer mais pontes sociais na internet podem tirar maior proveito de outros membros da rede a qual pertence. Tais recursos podem vir em forma de informações úteis, relações pessoais, ou a capacidade de organizar grupos para atividades específicas ou até mesmo oportunidade de trabalhos, o que poderia explicar a ligação entre a quantidade de amigos e os menores níveis de solidão se utilizarmos a definição de solidão dada por Weiss (1973) citado por Neto (2000 p.136) onde a solidão “é causada não por se estar só, mas por se estar sem alguma relação precisa de que se sente a necessidade ou conjunto de relações.”. A maior quantidade de amigos no Facebook aumentaria então a probabilidade de ocorrência desses tipos de relação.

Em recente estudo SONG (2014) afirma que apesar de inicialmente o maior tempo de uso da internet ser associado a maiores índices de solidão, a direção causal pode estar errada: pessoas solitárias passam mais tempo na internet, mas não seria a internet que faz as pessoas sentirem solitárias. Tal resultado reforça o argumento obtido das investigações de Kross et al. (2013) ao dizer que o uso do *Facebook* prediz o declínio de afeto e satisfação pela vida ao longo do tempo, mas que isso não é causado pela SNS, e sim que as pessoas que passam por tais situações tendem a utilizar a ferramenta com maior frequência. Os resultados do presente estudo podem estar sujeitos ao mesmo tipo de situação, homens que se sentem mais solitários acabam por utilizar o Facebook por mais tempo com objetivo de diminuir esse sentimento.

É importante ressaltar a diferença entre os modelos para o grupo dos homens e das mulheres. Enquanto que para as participantes do sexo feminino o fator determinante para a relação com a solidão é a frequência com que se comunicam, para os participantes do sexo masculino ocorre justamente o contrário. Além disso, as duas variáveis aparecem como preditoras e com direções opostas. Uma vez que podemos estabelecer uma relação entre o número de horas conectado e o número de amigos (é preciso passar mais tempo para se fazer e se manter mais amigos) nos questionamos se existiria um efeito de moderação entre estas variáveis.

Na tentativa de responder a essa questão devemos, em primeiro lugar, comprovar a existência de uma correlação entre as variáveis de horas conectado e de número de amigos. Para tanto foi realizado uma correlação de *Pearson* onde se obteve um coeficiente de 0,509 ( $p < 0,01$ ), que mostra uma relação de magnitude moderada e positiva entre as variáveis. Em seguida, para realização do cálculo de moderação, as variáveis horas conectado e número de amigos foram centradas subtraindo-se a média da amostra. A variável de interação foi então calculada multiplicando-se a variável horas conectado pelo número e amigos (denominada aqui de “horas x amigos”). Uma vez calculada a variável de interação, esta foi analisada juntamente com as variáveis horas conectado e número de amigos em um modelo de regressão (tabela 7).

**Tabela 7 – Regressão Múltipla para efeito de moderação entre o tempo de uso e número de amigos no *Facebook* em função dos níveis de solidão (n = 52)**

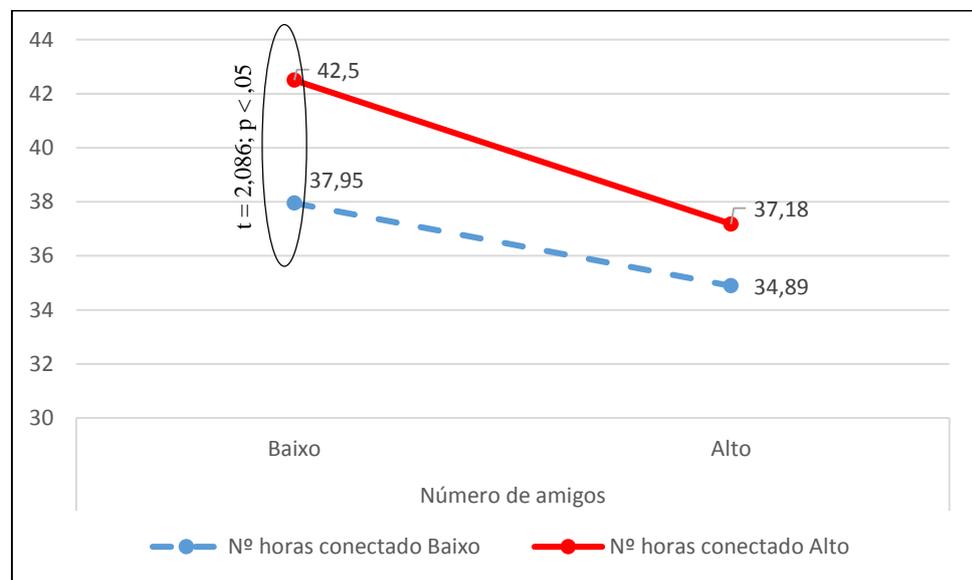
<b>Percepção social da atribuição de adjetivos</b>			
<i>Preditores</i>	<i>Beta</i>	<i>t</i>	<i>p</i> <
Horas conectado	<b>0,845</b>	<b>3,834</b>	<b>0,001</b>
Amigos	<b>-0,461</b>	<b>-2,123</b>	<b>0,004</b>
Horas x Amigos	<b>-0,468</b>	<b>-3,079</b>	<b>0,040</b>
<b>Coefficiente de regressão múltipla</b>	r = 0,575; r <sup>2</sup> = 33%		
<b>Variância explicada</b>	r <sup>2</sup> ajustado = 28%		
<b>Teste estatístico</b>	F(3,40)=6,591; p<0,05		

Fonte: Dados da pesquisa– Autoria própria

Os resultados indicaram que a regressão geral foi estatisticamente significativa  $R = 0,575$ ,  $R^2 = 0,331$ ,  $R^2$  ajustado = 0,281,  $F(3, 40) = 6,591$ ,  $p < .001$ . Foi detectado um efeito significativo de interação horas x amigos,  $\beta = -0,468$ ,  $t = -3,079$ ,  $p < 0,05$ . Também foram observados efeitos significativos para horas conectado,  $\beta = 0,845$ ,  $t = 3,834$ ,  $p < 0,05$ , e para número de amigos,  $\beta = -0,461$ ,  $t = -2,123$ ,  $p < 0,05$ . Como a interação foi estatisticamente significativa, a mesma foi mantida no modelo e pode ser interpretada da seguinte forma: Na medida em que aumentam o número de horas e o número de amigos no *Facebook*, é observada uma redução nos níveis de solidão. Dito de outra forma, o número de amigos modera o efeito do número de horas conectado, para os participantes que possuem muitos amigos no *Facebook*, o tempo que gastam conectados ao mesmo pode ser tido como benéfico para a redução da solidão. Por outro lado, quando passam muito tempo conectados e possuem poucos amigos, esse tempo se relaciona com maiores índices de solidão.

Para entender melhor o efeito da interação, tanto a variável número de amigos como a variável horas conectado foram dicotomizadas de forma a permitir que se pudessem realizar comparações grupais entre os níveis de baixo e alto número de amigos e de baixo e alto número de horas conectado. Inicialmente foi selecionada a subamostra composta pelos participantes que possuíam baixo número de amigos no *Facebook*. Procedeu-se então uma análise de comparação grupal através do teste *t de student* entre os grupos com baixo e alto número de horas na internet. Como resultado foi observada uma diferença significativa entre os grupos ( $t = 2,086$ ;  $p < 0,05$ ). Em seguida foi selecionada a subamostra de participantes com alto número de amigos, repetindo então o procedimento de comparação entre o grupo de participantes com baixo e alto número de horas conectados no *Facebook*, mas ao contrário do teste anterior, não foram observadas diferenças significativas entre os grupos. Os resultados podem ser observados na Figura 1.

**Figura 1 – Médias para escore de solidão em função da interação do número de horas conectado no *Facebook* pelo número de amigos no *Facebook***



Fonte: Dados da pesquisa– Autoria própria

Como pode ser observado na Figura 1, os participantes que possuem muitos amigos no *Facebook* apresentam menores escores de solidão em relação aos que possuem poucos amigos. Além disso, para o grupo que possui poucos amigos o tempo em excesso conectado no *Facebook* leva a maior pontuação média no escore de solidão, diferenciando-se

significativamente dos participantes que passam um menor número de horas conectado e que consequentemente apresentam menores escores de solidão.

Portanto, o efeito que o fator ‘quantidade de horas conectado’ mantém com o índice de solidão deve ser compreendido em uma relação de interação com o número de amigos no *Facebook*. Esta última modera o efeito do tempo de uso na solidão e mostra que a compreensão dos fenômenos que envolvem práticas de uso da internet devem ser estudados em relações complexas entre seus elementos. O *Facebook* pode ser utilizado por pessoas solitárias como uma ferramenta, como um meio de diminuir o sentimento de solidão, mas a eficácia desse uso na redução desse sentimento vai estar subjugada a forma como essa prática é feita.

## CONCLUSÃO

Podemos concluir que a hipótese H1 foi parcialmente confirmada, uma vez que apenas o grupo dos homens que utilizam o Facebook com frequência apresentou maiores níveis de solidão. A hipótese H2 foi refutada, o número maior de amigos no *Facebook* não prediz o aumento nos níveis de solidão, na verdade ele modera o efeito do tempo de uso, de forma que quanto maior o número de amigos, a frequência de uso no *Facebook* passa a reduzir os níveis de solidão. A hipótese H3 também foi parcialmente confirmada, já que apenas o grupo das mulheres que utilizam o Facebook com maior frequência para atividade de comunicação apresentaram menores níveis de solidão.

No geral, os participantes da pesquisa apresentaram níveis abaixo da média da escala de solidão. Não foram encontradas diferenças de gênero significativas quanto aos escores de solidão, assim como estar ou não em um relacionamento não se apresentou como fator importante na diferença desses escores. No entanto os usuários que utilizam os smartphones como principal meio de acesso ao Facebook apresentaram maiores níveis de solidão, isso pode ser explicado pela facilidade de acesso, a qualquer horário, para a manutenção ou criação de novas relações, a expectativa de estar sempre presente e acompanhado podem ser indicativos ou previsores dos níveis de solidão.

Este estudo está de acordo com outras pesquisas na área, que sugerem uma maior incidência do uso do *Facebook*, por pessoas solitárias, como ferramenta para a criação de novas pontes sociais, assim como o uso dessa SNS para a manutenção de relações pessoais. Os resultados apontaram diferenças significativas no modo de uso do *Facebook* para homens e mulheres.

Indivíduos solitários podem ser atraídos por essas formas de atividades interativas através da internet por causa da possibilidade de conectividade, companheirismo e de sentimento de pertença que isso proporciona. E mesmo que exista uma falta de consenso entre os resultados da literatura existente, vários estudos (Fallows, 2005; Li, Kirkup 2007; Wilson et al. 2003) mostram que as diferenças conhecidas entre os gêneros tem diminuído, ao mesmo passo em que novas disparidades surgem. A percepção e uso da internet são mutáveis e dinâmicos, os conhecimentos sobre o assunto evoluirão e nos darão uma melhor perspectiva em como lidar com ela.

Faz-se necessário o desenvolvimento de outros estudos que busquem avaliar a importância da relação que criamos diariamente com a internet e com suas novas formas de comunicação e principalmente, determinar como seu uso pode ser benéfico ou não de acordo com o uso que fazemos dela.

## CORRELATION BETWEEN FACEBOOK USAGE AND LONELINESS LEVELS

### **ABSTRACT**

This study aimed to measure the correlation between the use of Facebook and the feeling of loneliness through quantitative survey of college students. Were used as instruments a questionnaire that surveyed information on the practical use of Facebook, also the UCLA Loneliness Scale (adapted and validated in Brazil). The data was analyzed using SPSS v.20 software (Statistical Package for Social Sciences) from IBM and the interpretation was given based on the theoretical framework presented. Overall, the population consists of 113 individuals of both sexes, who presented low levels of loneliness. The results show that male participants who use Facebook more often have higher levels of loneliness. However, this effect is moderated by the number of friends on Facebook that they have, in a way that the greater the number of friends, the frequency of use of Facebook starts to reduce loneliness levels. For the group of females the only relationship between the use of Facebook and degrees of loneliness was found in communication activities. The higher the frequency of use of Facebook for communication purposes, the lower were the loneliness levels observed.

Keywords: Facebook. Internet. Loneliness.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, B. FAGAN, P. WOODNUTT, T. CHAMORRO-PREMUZIC, T. *Facebook Psychology: Popular questions answered by research*. Psychology of Popular Media Culture, v.1, n.1, p.23-27. 2012.

BARBOSA, Luísa M. C. A. A solidão dos idosos de Ponte de Lima. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Fernando Pessoa. 2012.

BUJALA, Anna. Gender Differences in internet usage. *Folia Sociologica*, v.43. 2012.

CAMPBELL, Steve. How did *Facebook* originate. 2010.  
<<http://www.makeuseof.com/tag/Facebook-originate-case-wondering/>> Acesso em: 14/10/2014

CASTELLS, M. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra. 2000.

CNS. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Resolução N°196/96. 2012.

<[http://conselho.saude.gov.br/web\\_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/23\\_out\\_versao\\_final\\_196\\_ENCEP2012.pdf](http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/23_out_versao_final_196_ENCEP2012.pdf)> Acesso em: 16/10/2014.

ELLISON, Nicole B. STEINFELD, Charles LAMPE, Cliff. The Benefits of Facebook “Friends:” Social Capital and College Students’ Use of Online Social Network Sites. *Journal of Computer-Mediated Communication*, v.12, pgs 1143–1168. 2007.

FALLOWS, Deborah. How Women and Men use the Internet. 2005.

<<http://www.pewinternet.org/2005/12/28/how-women-and-men-use-the-internet/>> Data de acesso: 11/11/2014

FN. *FacebookNewsroom*. 2014.

<<http://newsroom.fb.com/>> Data de acesso: 15/10/2014.

GIL, Natalie. Loneliness: a silent plague that is hurting young people most. *The Guardian*, Londres. 2014.

<<http://www.theguardian.com/lifeandstyle/2014/jul/20/loneliness-britains-silent-plague-hurts-young-people-most>> Acesso em: 16/10/2014

GUEDES, Dilcio. ASSUNÇÃO, Larissa. Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?). *Revista Mal-Estar e Subjetividade*. FORTALEZA, v.6, n.2, p.396-425, Set. 2006.

HARDIE, E.TEE, M. Excessive Internet use: the role of personality, loneliness and social support networks in Internet addiction. *Australian Journal of Emerging Technologies & Society*. v.5, p.34-47. 2007.

IWS. Internet World Status.2014.

<<http://www.internetworldstats.com/stats.htm>> Data de acesso: 15/10/2014.

KRAUT, R. PATTERSON, M. LUNDMARK, V. KIESLER, S. MUKOPADHYAY, T. SCHERLIS, W. Internet Paradox - A social technology that reduces social involvement and psychological well-being? *American Psychologist*, v. 53, n.9, p. 1017-1031, Set. 1998.

KROSS, Ethan. et al. *Facebook* use predicts declines in subjective well-being in young adults. *Plos One*, v.8, n.8, Agosto. 2013.

LI, N. KIRKUP, G. Gender and cultural differences in Internet use: A study of China and the UK. *Computers & Education*, v48, pgs.301-317. 2007.

MARQUES, P. BARBOSA, C. A Solidão na Terceira Idade. 2003.

<<http://www.esse.ualg.pt/gerontologia/jacinto/A%20Solid%C3%A3o%20na%20Terceira%20Idade.htm>> Data de acesso: 19/10/2014.

NETO, F. *Psicologia Social (II)*. Lisboa. Universidade Aberta. 2000.

NIELSEN, C. What's Empowering the New Digital Consumer? 2014.

<<http://www.nielsen.com/us/en/insights/news/2014/whats-empowering-the-new-digital-consumer.html>> Data de acesso: 20/11/2014.

PERLMAN, Daniel. PEPLAU, Letitia A. Toward a Social Psychology of Loneliness. In: DUCK, S. GILMOUR, R. Personal Relationships in Disorder. Londres, Academic Press. 1981.

PINHEIRO, Ângela de A. A. TAMAYO, Alvaro. Escala Ucla de Solidão: adaptação e validação. Arq. bras. Psic., Rio de Janeiro, v.36, n.1, p.36-44, Jan./Mar. 1984.

RAINIE, L. PURCELL, K. SMITH, A. The Social Side of the Internet. 2011.

<<http://www.pewinternet.org/2011/01/18/the-social-side-of-the-internet/>> Data de Acesso: 20/11/2014.

RUBIN, A. M. Media gratification through the life cycle. In ROSENGREEN, K. E. WENNER, L. A. PALMGREEN, P. (Orgs.). Media gratification research: Current perspective. Beverly Hills, CA: Sage, p. 195-208. 1985.

RUSSEL, D. PEPLAU, L. A. CUTRONA, C. E. The Revised Vela Loneliness Scale: concurrent and discriminant validity evidence. Journal of Personality and Social Psychology, v.19, p.472-480. 1980.

RUSSEL, D. PEPLAU, L. A. FERGUSON, M. L. Developing a measure of loneliness. Journal of Personality Assessment, v.42, p.290-294. 1978.

RYAN, Tracii. XENOS, Sophia. Who uses Facebook? An investigation into the relationship between the Big Five, shyness, narcissism, loneliness, and Facebook Usage. Computers in Human behavior, v.27. 2011.

SÁ, Roberto N. de. MATTAR, Cristine M. RODRIGUES, Joelson T. Solidão e relações afetivas na era da técnica. Revista do Departamento de Psicologia - UFF, v. 18, n2, p.111-124, Jul./Dez. 2006.

SHAWN, Lindsay H. GANT, Larry M. In defense of the internet: The relationship between internet communication and depression, loneliness, self-esteem, and perceived social support. CyberPsychology & Behavior, v.5, n.2, p.157-176 Nov. 2002.

SMITH, Aaron. Smartphone Adoption and Usage. Pew Internet and American Life Project. 2011.

SONG, Hayeon. SEELIG, Anne Zmyslinski. KIM, Jinyoung. DRENT, Adam. VICTOR Angela. OMORI, Kikuko. ALLEN, Mike. *Does Facebook make you lonely? A meta analysis. Computers in Human Behavior*, 2014

TURKLE, Sherry. Conectado, mas só? TEDx Talk. 2012.

<[http://www.ted.com/talks/sherry\\_turkle\\_alone\\_together?language=pt-br](http://www.ted.com/talks/sherry_turkle_alone_together?language=pt-br)> Acesso em 10/10/2014.

VALKENBURG, Patti M. PETER, Jochen. SCHOUTEN, Alexander P. Friend Networking Sites and Their Relationship to Adolescents' Well-Being and Social Self-Esteem. *Cyberpsychology & Behavior*. Amsterdã, v.9, n.5. 2006.

WALTHER, J. B. TIDWELL, L. When is mediated communication not interpersonal? In GALVIN, K. M. COOPER, P. (Orgs.). *Making connections: Reading in relational communication*. Los Angeles, CA: Rusbury, p. 300-307. 1996.

WILSON, K. FORNASIER, Stephanie. WHITE, Katherine M. Psychological Predictors of Young Adults' Use of Social Networking Sites. *Cyberpsychology, Behaviour and Social Networking*, v.13, n.2. 2010.

YOUNG, J. E. Loneliness, depression and cognitive therapy: Theory and application. In: PEPLAU, L. A. PERLMAN, D. (Eds.), *Loneliness: A sourcebook a current theory research & therapy*. New K: Wiley-Interscience. 1982.